

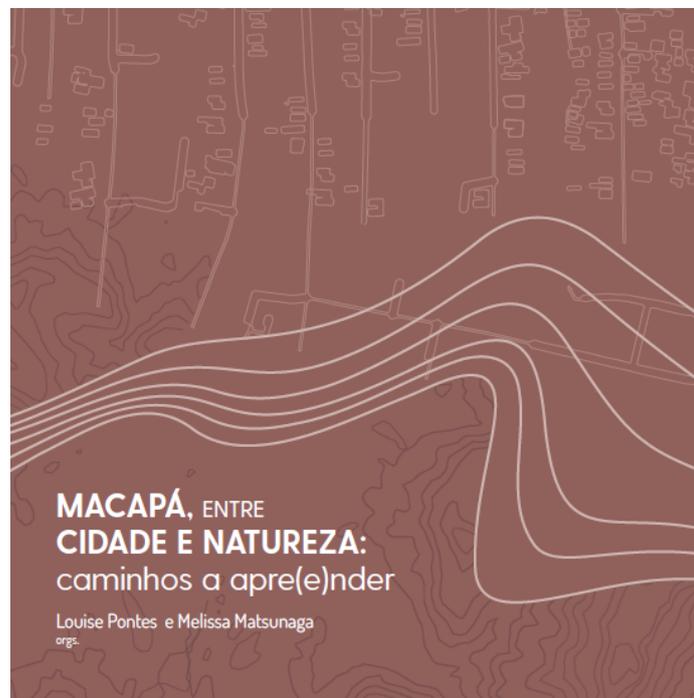
https://doi.org/10.20873/nov2024_11



ATRAVESSANDO ESCALAS, TRAÇANDO LINHAS E PRATICANDO O MORAR EM MACAPÁ

Géssica Nogueira dos Santos¹

PONTES, Louise; MATSUNAGA, Melissa (Orgs.). **Macapá, Entre Cidade e Natureza: Caminhos a Apre(e)nder**. Macapá: Editora da Universidade Federal do Amapá, 2024.



Macapá é uma cidade singular, marcada pela interação constante entre seus espaços urbanos e os elementos naturais que a rodeiam, em especial a vasta malha hídrica. Situada na foz do Rio Amazonas, a capital do Amapá é vista como um território de contrastes, onde a urbanização moderna age em disparidade a paisagens que carregam características únicas da Amazônia. Frequentemente tratada como periferia nos debates urbanos nacionais, oferece uma rica ecologia de práticas e saberes, tanto tradicionais quanto contemporâneos, que resistem às tentativas de homogeneização imposta pelos modelos urbanísticos dominantes.

¹ Arquiteta e Urbanista e Mestra em Desenvolvimento Regional pela Universidade Federal do Amapá - UNIFAP (2017). É docente da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – UNIFESSPA, e atuou como Conselheira Titular Estadual do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Amapá – CAU/AP (2020-2023), sendo coordenadora da Comissão de Ensino e Formação, Ética e Exercício Profissional – CEFEPP. <https://orcid.org/0009-0004-7545-1858>, gessicanogueira@live.com

https://doi.org/10.20873/nov2024_11



Macapá emerge, assim sob a perspectiva dos autores de *Macapá, Entre Cidade e Natureza: Caminhos a Apre(e)nder*, como um laboratório de experimentação e reflexão sobre o encontro entre urbano e meio ambiente, desafiando as dicotomias convencionais e propondo uma visão mais integrada e sensível ao contexto amazônico.

A obra investiga a interação entre a urbanização e os elementos naturais no contexto amazônico, através de diferentes recortes na cidade de Macapá. O ineditismo dessa pesquisa se configura ao abordar uma temática que permanece marginalizada na literatura popularizada nas academias de arquitetura e urbanismo: o planejamento urbano em regiões periféricas e ambientalmente complexas, assim como a Amazônia. Através de um diálogo entre teorias urbanísticas contemporâneas e os desafios locais, o livro traz uma visão interdisciplinar fruto de pesquisas desenvolvidas entre os anos de 2016 e 2021 e revela um esforço coletivo em traduzir a singularidade do espaço amazônico para práticas urbanísticas mais sensíveis às suas especificidades.

O livro se estrutura a partir de três seções que abordam questões fundamentais que permeiam a relação entre cidade e natureza no contexto amazônico. Cada seção traz um enfoque específico, mas todas partem de um mesmo pressuposto: a necessidade de compreender o território de Macapá em suas múltiplas escalas, tanto geográficas quanto temporais, para que seja possível a proposição de soluções arquitetônicas e urbanísticas adequadas à realidade local.

Com um prefácio introdutório à complexidade do campo da Arquitetura da Paisagem, este enfatiza a importância de considerar a relação intrínseca entre cidade e natureza. Escrito por Luciana Schenk, este contextualiza a obra dentro de uma visão de paisagem como espaço vivo, com uma identidade moldada tanto por processos humanos quanto naturais, e convida o leitor a adotar um olhar atento às especificidades de Macapá e às paisagens da Amazônia com seus significados e desafios.

No capítulo inicial, *Atravessando escalas: desafios de apreensão e representação da cidade em contexto amazônico*, Miranda e Bibas exploram a questão da representação da cidade de Macapá, destacando a importância de analisar o território a partir de diferentes escalas. Os autores utilizam ferramentas de geoprocessamento e cartografia para revelar uma realidade até então pouco explorada, a “malha aquática” da cidade, como chamaram os autores a vasta rede hídrica de ressacas e cursos d’água macapaenses, que interage diretamente com o processo de urbanização. Essa rede, conforme os autores argumentam, é

https://doi.org/10.20873/nov2024_11



frequentemente ignorada ou homogeneizada pelos projetos urbanísticos, o que leva à criação de uma cidade desconectada de seu ambiente natural.

Miranda e Bibas apresentam ainda uma análise crítica dos modelos urbanos tradicionais que foram aplicados à região amazônica, muitas vezes desconsiderando suas particularidades. A partir da comparação com outras regiões do Brasil e do mundo, os autores questionam a eficácia de uma abordagem urbanística homogênea para cidades tão distintas como Macapá, que se encontra inserida em um bioma excepcional e cheio de desafios. A discussão coloca em evidência a necessidade de desenvolver novas metodologias de planejamento que sejam capazes de dialogar com o meio ambiente de forma mais integrada e sustentável.

O segundo capítulo, intitulado *Pontos, linhas (interseções) e tramas: uma experiência de imersão e desenho da paisagem na cidade de Macapá*, de Louise Pontes, traz uma abordagem mais prática e reflexiva sobre o processo de ensino e pesquisa da arquitetura da paisagem. A autora explora a importância do desenho da paisagem, metodologicamente, como ferramenta para entender e representar a complexidade dos espaços urbanos, em especial em territórios invisíveis a literatura preponderante, como a cidade de Macapá. Pontes baseia-se em sua experiência como professora na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), onde buscou, junto aos alunos, investigar as relações entre os espaços abertos e as dinâmicas biofísicas e sociais da cidade, bem como experimentar soluções endógenas para o planejamento da paisagem macapaense.

Pontes utiliza-se do conceito de “excedente espacial” para refletir sobre as áreas de Macapá que permanecem inexploradas ou subutilizadas, e que podem ser vistas como espaços de oportunidade. A autora argumenta que essas áreas, comumente consideradas vazios urbanos, na verdade oferecem um potencial para a criação de soluções inovadoras que integrem a paisagem natural à vida urbana. Entende-se esse pensamento alinhado a preocupações ambientais atuais, assim como o que é abordado por linhas como o urbanismo sustentável, que busca relações equilibradas e harmônicas entre o ambiente construído e os ecossistemas naturais. Pontes também faz uma crítica às práticas projetuais que tratam a natureza apenas como um elemento a ser dominado ou suprimido, sugerindo, em contrapartida, que a natureza seja compreendida como parte integrante e indispensável do planejamento urbano.

https://doi.org/10.20873/nov2024_11



O último capítulo, *Práticas de morar: registros no meio do mundo*, de autoria de Melissa Matsunaga, investiga a questão habitacional em Macapá, com foco nas áreas de ressaca, que são regiões pantanosas características da cidade. A autora utiliza o conceito de participação-observante para mergulhar no cotidiano dos moradores dessas áreas e compreender como eles lidam com os desafios impostos pelo ambiente. A partir dessa imersão, Matsunaga reflete sobre o impacto das políticas públicas de habitação na cidade, criticando a falta de sensibilidade dessas políticas para com as condições locais.

Em uma abordagem rica em detalhes, a autora permite ao leitor vivenciar experiências de habitação em áreas de fragilidade ambiental: em ressacas, em áreas aterradas, e na várzea. A pesquisa de Matsunaga também aponta para uma tensão entre as práticas tradicionais de moradia, que se desenvolveram em relações intrínsecas com o ambiente natural, e as intervenções urbanísticas mais recentes, que tentam regularizar essas áreas de acordo com padrões que não condizem com a realidade local. A partir da abordagem da autora, entende-se que as políticas públicas habitacionais frequentemente falham em considerar as especificidades ambientais e culturais da população, o que resulta em soluções que não atendem plenamente às necessidades dos usuários.

Esta obra traz uma contribuição significativa para o campo da arquitetura e urbanismo ao problematizar as metodologias e teorias aplicadas ao planejamento urbano em regiões periféricas como a Amazônia. Ao colocar a cidade de Macapá como estudo de caso, o livro revela a complexidade de planejar para uma região onde a natureza desempenha um papel central na configuração do espaço urbano. Segundo os autores, esta obra convida o leitor a pensar e/ou repensar os modelos de ensino e produção de conhecimento para Macapá.

Macapá, Entre Cidade e Natureza: Caminhos a Apre(e)nder é inovadora ao combinar pesquisa acadêmica e prática docente, demonstrando como o conhecimento gerado na academia pode ser traduzido em ações concretas no território. A abordagem colaborativa entre professores e alunos, assim como a ênfase em metodologias participativas, reflete uma busca por formas mais democráticas e inclusivas de planejar a cidade. Da macro à microescala, a obra permite entender que a paisagem pode ser desenhada de forma engajada, considerando o processo perceptivo humano dos atores envolvidos no planejamento das cidades, para o desenho de ações eficazes de enfrentamento e melhoramento de cenários precarizados urbanos.

https://doi.org/10.20873/nov2024_11



Ao trazer à tona as especificidades da urbanização em Macapá, o livro se consolida como uma obra essencial para acadêmicos, pesquisadores e profissionais que atuam no campo da arquitetura, da arquitetura da paisagem, e do urbanismo. Sua contribuição para o campo é ampla, oferecendo tanto uma base teórica quanto metodológica para aqueles que buscam entender e intervir em cidades amazônicas. Em última análise, a obra propõe uma reconciliação entre cidade e natureza, mostrando que é possível e necessário pensar a arquitetura e urbanismo de forma mais integrada e sustentável.

A autora declara não haver qualquer potencial conflito de interesses referente a este artigo.

Recebido em: 01/11/2024 | **Revisado em:** 08/11/2024 | **Aceito em:** 08/11/2024